

CARTAS E CORRESPONDÊNCIA ORDINÁRIA COMO EGO-DOCUMENTOS NA ANÁLISE LINGUÍSTICA

por Sybille Große (Universidade de Heidelberg)*

RESUMO

O artigo dá uma visão da análise linguística da escrita pessoal sob a perspectiva dos ‘ego-documentos’. Ele retraza de maneira geral a evolução do conceito de ‘ego-documents’ na pesquisa historiográfica holandesa e alemã e retoma a sua aplicação aos estudos da sociolinguística histórica. O artigo detalha também a importância da pesquisa linguística de cartas pessoais como ego-documentos e tematiza a transmissão dos conhecimentos discursivos e linguísticos nos manuais épistolográficos. Discutem-se por fim os resultados da análise linguística de cartas escritas em francês e em português brasileiro de escreventes pouco-letrados.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística histórica; ego-documentos; secretários; manuais epistolográficos; cartas pessoais; escreventes pouco-letrados (semicultos)

ABSTRACT

This paper offers an overview of a linguistic analysis of personal writing in the perspective of ‘ego-documents’. It explores the evolution of the concept ‘ego-document’ adopted in the study of Dutch and German history and examines its application to historical sociolinguistics. The paper likewise highlights the relevance of linguistic investigation of personal letters as ego-documents and studies the transmission of linguistic and discourse behavior in letter-writing manuals. This linguistic analysis of personal letters written by inexperienced writers in French and Brazilian Portuguese reveals unique features of individual writing that is at the same time shaped by linguistic and discursive traditions.

KEYWORDS: Historical sociolinguistics; ego-documents; letter-writing manuals; private correspondence; inexperienced writers

* sybille.grosse@rose.uni-heidelberg.de

O alvo desta publicação consiste em dar uma visão da análise da escrita pessoal em cartas pessoais privadas, com base na sociolinguística histórica, sob a perspectiva dos «ego-documentos».

1. SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

A sociolinguística histórica é uma disciplina relativamente recente.¹ Os primeiros trabalhos datam dos anos 1980 (AUER et al., 2015, p; 2) e o seu conceito foi pela primeira vez apresentado no *Handbook Sociolinguistics* editado pelos sociolinguistas alemães Ammon, Dittmar e Mattheier em 1988 (WILLEMYNS;VANDEBUSSCHE, 2006, p.146). Nos primeiros quinze anos, a maioria dos estudos sociolinguísticos históricos foram trabalhos sobre a história do uso da linguagem, do contato linguístico e da consciência linguística das línguas alemã ou inglesa (WILLEMYNS; VANDEBUSSCHE, 2006, p.147). Depois chegaram trabalhos mais focados na relação entre o uso da língua e a política linguística, entre a escrita e a sua aquisição assim como na prescrição e norma. Em quase todos se discutiam a busca e o acesso primordiais aos dados.

A sociolinguística histórica é bem implantada também no Brasil, entre outros com os trabalhos no âmbito da pesquisa sobre a história da língua portuguesa no Brasil e com os trabalhos da Márcia Cristina de Brito Romeu (RUMEU, 2010) que buscava evidências reais para a confirmação da sua hipótese de que os escreventes cultos brasileiros já deixassem entrever traços da gramática brasileira na sua produção escrita pessoal (familiar).

Nos últimos anos, os sociolinguistas históricos – sobretudo europeus e canadenses (aqui France Martineau) – se orientavam com ênfase na pesquisa com os ego-documentos como base empírica. Os sociolinguistas históricos destacam-se, internacionalmente, ao lado dos trabalhos do alemão Stephan Elspaß (2005), especialmente como os trabalhos de Rutten e van der Wal (RUTTEN; VAN DER WAL, 2014).

2. EGO-DOCUMENTS/EGO-DOCUMENTOS E SUA ANÁLISE

2.1 Os “ego-documents” ou os chamados “first-person writings”

O conceito de ‘ego-documents’ foi desenvolvido e trabalhado nos anos 1950, no âmbito da historiografia social holandesa de Jacques Presser. Presser aplicou o conceito a inúmeras cartas pessoais (cartas, correspondência entre amigos, parentes e conhecidos), em diários, memórias, mas também em pedidos de clemência, petições e currículos profissionais (DEKKER, 2002a: 7; 8). Essa abordagem de *ego-documents* foi introduzida igualmente na historiografia britânica e alemã pouco depois desses estudos de Presser. Pesquisadores e historiadores alemães utilizaram-na nos seus trabalhos, porém com um sentido mais amplo, aceitando entre outros testemunhos judiciais nos processos criminais ou no Tribunal do Santo Ofício como ego-documentos (DEKKER, 2002a, p.9; KRENN, 2013. p.22; SCHULZE, 1996, p.22).

¹ Uma pequena introdução historiográfica da sociolinguística histórica encontra-se em Auer et al. (2015).

A noção de ego-documentos foi retomada posteriormente, ao final dos anos 1990, pelo grupo de pesquisa do historiador holandês Rudolf Dekker (DEKKER, 1988; 2002a; BAGGERMANN; DEKKER, 2004). O projeto de Dekker se concentrava no período moderno (1500-1814) assim como nas análises de autobiografias, memórias, diários íntimos e diários de viagem, em uma abordagem histórica e interdisciplinar (SCHULZE, 1996, p.15 ; VON KRUSENSTJERN, 1997; <http://www.egodocument.net/egodocument/egodocuments-1814.html>).²

Além disso, é Rudolf Dekker que observa uma alternância do enfoque historiográfico nos últimos anos:

Scholars are no longer focussing on individual texts as sources of historical knowledge, mining them only for charming anecdotes. The texts themselves have now moved into the center of research : temporal developments, genre-conventions, differences between types of egodocuments, motives for writing, intended audiences, the differences between literary and family texts, intertextual relations between egodocuments and other texts, and between them and oral traditions (DEKKER, 2002a, p.17).

Depois dos historiadores, foram os sociolinguistas – nos primeiros estudos holandeses e alemães – que demonstraram interesse nesses tipos de produção textual, principalmente, nas cartas particulares como amostras de *corpus* para a análise de textos antigos.

2.2 Definição de ego-documentos

A definição mais famosa de *ego-documents* é a de Pretter que a eles se referia em holandês, como *egodocumenten*. Consoante Pretter ego-documentos são textos escritos, nos quais o “EU”, o escritor/escrevente, está continuamente presente no texto como o escritor sujeito, escrevendo e descrevendo a matéria.³ Schulze ampliou a definição de Pretter, nela integrando os documentos produzidos pelo autor, livremente ou não, isto é, produzidos de modo involuntário e não intencional. Assim, encontramos também textos judiciais e administrativos como base de análise historiográfica no *corpus* de ego-documentos de Schulze. Para Schulze, o aspecto mais relevante de um ego-documento é a ideia de ‘ego-percepção’, quer dizer da percepção individual e subjetiva – que deixa marcas nos textos.⁴ Segundo Pretter e Schulze, o autor de um documento, ou melhor, o sujeito com suas características individuais está no foco do interesse. Isso significa também que não se analisam mais os representantes muito conhecidos de uma sociedade (no sentido de líder social) e já muito bem estudados na pesquisa

² O conceito de ‘ego-documento’ e a sua utilização no domínio da historiografia europeia provocou também uma discussão entre os historiadores. Vide para esta discussão Dekker (2002a).

³ “(...) writings, in which I, the writer, is continuously present in the text as the writing and describing subject” (Pretter em van der Wal/ Rutten 2014: 1).

⁴ “Gemeinsames Kriterium aller Texte, die als Ego-Dokumente bezeichnet werden können, sollte es sein, daß Aussagen oder Aussagepartikel vorliegen, die – wenn auch in rudimentärer und verdeckter Form – über die freiwillige oder erzwungene Selbstwahrnehmung eines Menschen in seiner Familie, seiner Gemeinde, seinem Land oder seiner sozialen Schicht Auskunft geben oder sein Verhältnis zu diesen Systemen und deren Veränderungen reflektieren.” (SCHULZE, 1996, p.28; vide também RUTZ, 2002).

sociohistórica, como reis, imperadores, generais etc. Ao contrário, o estudo devia abordar a “população ordinária”, como, por exemplo, moradores de uma aldeia, padeiros, mulheres, fazendeiros e crianças (SCHULZE, 1996, p.21). Esse aspecto de valorização das camadas médias e baixas da população e assim da maioria demográfica de uma sociedade chamou a atenção dos sociolinguistas históricos que estavam à procura de ampliar ou completar a base de seus estudos.

Em todos os tipos de ego-documentos os indivíduos falam de si, dos seus sentimentos ou dão a sua visão do mundo sobre um acontecimento, e da sociedade em que vivem, trabalham, participam, lutam etc. Indubitavelmente, nem todos os indivíduos pertencem aos mesmos grupos sociais e se distinguem em variáveis sociolinguísticas: idade, gênero, classe social, nível de letramento, profissão etc. e assim também nos seus usos da língua.

2.3 Heterogenidade formal dos ego-documentos e focos de interesse

Toda a escrita individual insere-se entre a situação pessoal e o contexto sociocultural ou sociohistórico. Por isso, os ego-documentos podem ser vistos em perspectivas diversas: 1. individual, 2. social e 3. transcultural. Um indivíduo que escreve uma carta durante a sua participação em uma guerra, a exemplo da Guerra do Paraguai ou da Segunda Guerra Mundial, escreve como indivíduo, como brasileiro ou francês ou alemão, mas também como qualquer outro soldado do mundo.

Perguntas globais para trabalhar com os ego-documentos na área da linguística seriam as seguintes:

- Como e por que e em que gênero textual (ou tradição discursiva) o sujeito da pesquisa escreve sobre si?
- Como o sujeito se legitima ou se autoriza na sua produção escrita pessoal?
- Como esse sujeito constrói o seu ego/o seu “Eu”? Como funciona o “self-fashioning”? (ou a autoestimação)
- Como o sujeito em pauta se adapta a situações de escritura diversas, por exemplo, como um indivíduo que escreve em função social de filho, de irmão, de namorado, de marido, de pai, de soldado etc.?
- Como se pode definir a relação entre a aquisição da escritura, da escrita e da tradição discursiva de um indivíduo em um ego-documento concreto?
- E quanto aos diários e às cartas: de que fala ou não fala o sujeito em análise? Quais são os pontos de interesse sob uma perspectiva individual ou pessoal? Em uma carta escrita durante uma guerra essa perspectiva varia claramente com interdependência entre o autor e o destinatário de uma carta, etc.

São até agora, sobretudo, três gêneros textuais que chamavam o interesse dos historiadores e posteriormente dos literatos e linguistas: as cartas, os diários pessoais e os diários de viagem.⁵

⁵ Vide, sobretudo, Schneider (2002) e van der Wal e Rutten (2013b, p.1).

2.4 Ego-documentos e a pesquisa Linguística

Os ego-documentos dão acesso a um tipo de análise multidimensional e multimodal que se relaciona na linguística com a sociolinguística histórica, com a pragmática histórica, com a análise do discurso histórica, com a linguística de variação diacrônica, com a história da língua e com a linguística de corpus. O conceito de ‘ego-documentos’ se posiciona claramente contra a focalização da linguística histórica aos textos literários e administrativos e em prol da inserção dos textos das classes média e baixa na análise diacrônica, isto é, a « language history from below » («a história da língua de baixo») (ELSPAß, 2005, p.13). Apesar disso, os ego-documentos têm, em muitos contextos, uma relação estreita com a língua falada, o que não quer dizer que essa abordagem veja a língua escrita como uma fonte objetiva da análise da língua falada. Problemas e perguntas a formular no trabalho com os ego-documentos com foco na análise linguística no sentido de idioma poderiam ser por exemplo:

- Em que pessoa o indivíduo fala de si? (1^a/ 3^a pessoa do singular, 1^a do plural)?⁶ E como ele fala aos e dos outros?
- Quais seriam as estruturas para exprimir a polifonia ou diafonia no documento?⁷
- Com que expressões e estratégias se constrói a opinião e se manifesta o sentimento do autor?
- Qual seria o impacto dos verbos de *pensar*, *creer* etc. e do pensamento no *self-fashioning*?
- De que maneira o autor desenvolve a ideia de ‘copresença fictiva’ e nivela assim a não-presença real de outros falantes?⁸ Como se constrói assim um espaço comunicativo comum?, etc.

Análises linguísticas se tornam possíveis sob uma larga base empírica de ego-documentos com enfoques diversos, que se evidenciam nos trabalhos de Rutten e van der Wal (2013) ou Elspaß (2005) que analisaram aspectos dialetais e socioletais da escrita. Eles responderam assim às perguntas pertinentes ao desenvolvimento e ao processo de standardização do holandês e do alemão.

3. CARTAS NA PRODUÇÃO ESCRITA PESSOAL E CARTAS COMO EGO-DOCUMENTOS

3.1 Cartas particulares ou pessoais

A correspondência ordinária faz parte de documentos biográficos que um sujeito escrevente redige para comunicar com os seus familiares ou amigos, falando assim de uma coisa e/ou falando de si mesmo. Quando se trabalha na pesquisa de ego-documentos com cartas pessoais havia um familiar, uma família ou uma instituição, etc. que interagiu na seleção das cartas para guardar (vide também: GASTAUD, 2014, p.2). Os critérios da seleção dos documentos podem situar-se ao nível temático, mas também aos níveis estilístico, linguístico ou emocional. Eles são na maioria dos casos opacos, mas não sem interesse para desenvolver cada vez mais o conceito de ‘ego-documento’.

6 No que concerne às cartas, a pergunta do tratamento utilizado nas cartas (tratamento pronominal e nominal) já está consubstanciado nas pesquisas.

7 Para a diafonia vide Steuckardt (2014, p.356).

8 Vide também Steuckardt (2014, p.355).

As cartas particulares, obviamente, possuem marcas da oralidade e também estruturas nítidas da escrita (vide entre outros RUTTEN/VAN DER WAL, 2014, p.6) e, por isso, temos de atinar a não proceder à análise das cartas como se fossem documentos homogêneos, mas híbridos (vide MARTINEAU, 2013, p.141), que se inscrevem na maioria das vezes nos documentos da «imediatez», como são chamados por Koch e Oesterreicher (2011).⁹

Um das minhas primeiras perguntas no trabalho com cartas pessoais foi como avaliar essas cartas na análise linguística cuja heterogenidade é imensa e a variação é maior ainda com a perspectiva diacrônica. Além disso, os gêneros de cartas são muito variados. Dependendo da função comunicativa preponderante e dos autores, assim como dos destinatários da carta, os atos de pedir, de agradecer, de narrar, de elogiar e outros não deveriam ter uma forma linguística comum. Mas a realidade é outra. As cartas contêm também, a despeito da variação vinculada intimamente à finalidade comunicativa específica, à subjetividade e aos perfis sociolinguísticos diversos, estruturas comuns ou bastante similares. Isso é sobretudo significativo para a parte inicial (a introdução) e a final (a conclusão) de uma carta. Todavia, pode ser relevante também para a parte medial (o desenvolvimento em uma carta). A carta é, nesse sentido, uma prática de letramento sociocultural escrita em uma história de longa duração.

Uma *língua histórica* (no sentido da ‘língua histórica’ de Coseriu 1988)¹⁰ oferece normalmente tipos de verbalizações das informações e das experiências discursivas escritas, adotadas e repetidas na sociedade, e desse modo convencionalizadas em estruturas de discurso ritualizadas (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013, p.45). Essas estruturas linguísticas são descritas sob a perspectiva da tradição discursiva – paradigma científico aplicado também aqui no Brasil, no âmbito dos estudos históricos do português brasileiro, entre outros, por um grupo de trabalho do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) (vide Große no prelo). As tradições discursivas podem atingir níveis de complexidade variados, ou seja, podem ser representadas:

1. por uma fórmula simples (como o famoso “beijinhos” em muitos emails brasileiros);
2. por um gênero textual (uma carta comercial ou uma carta de congratulações) e
3. por uma forma ainda mais complexa como um universo discursivo (o universo religioso, literário etc.) (Vide WILHELM, 2001).

9 A ideia essencial do trabalho de Koch e Oesterreicher no final dos anos 1980 foi sobre colocar dois níveis sempre mencionados em trabalhos sobre a língua escrita e a língua falada: o ‘meio’ e a ‘concepção’. Com referência às distinções de meio e concepção, eles introduziram outra distinção mais apropriada à descrição entre a «linguagem da imediatez» e a «linguagem da distância». Descrevem, para esses dois tipos, as condições de comunicação e estratégias de verbalização que existem em todas as línguas históricas.

10 “[...] a maioria dos romanistas alemães aceita como fundamental a distinção coseriana entre três níveis do falar, três aspectos da atividade lingüística cuja diferenciação é considerada requisito prévio imprescindível para qualquer questão do estudo da linguagem. Trata-se da distinção entre o nível universal do falar em geral, esse nível que é comum a todos os seres humanos e anterior à diferenciação babélica das línguas; aqui encontra-se o dispositivo geral do homem para falar, para comunicar-se por meio de signos lingüísticos que designam o mundo da experiência. O segundo nível é o histórico, das línguas como sistemas de significação historicamente dados, atualizados, no terceiro nível, em textos ou discursos concretos” (KABATEK s.d.).

Todo conhecimento da tradição discursiva deve ser transmitido de uma geração de usuários da língua a outra, de um grupo a outro.

As tradições discursivas que desempenham um papel considerável na redação de cartas são transmitidas no âmbito escolar (na aprendizagem da redação de cartas), no âmbito institucional (por exemplo no caso de formular cartas de negócios ou comerciais), e no seio familiar, pela valorização, seleção e conservação de cartas recebidas pela família, que servem, mais tarde, de modelo para a redação de cartas pessoais. Mas, apesar disso, as tradições discursivas e o uso da linguagem em contextos comunicativos concretos são também descritas em tratados normativos, como os chamados secretários ou manuais epistolográficos que circulavam como na Europa também no Brasil, particularmente no século XIX (vide BARBOSA, 2011, p.84).

Mas também a assistência ao escrevente na redação de cartas era muito comum. Nos séculos XVI e XVII sobretudo, havia os secretários escrivães, que trabalhavam quer em uma casa nobre quer na rua. Nesses séculos e até o final do século XX, havia os escrivães públicos, aos quais os que não sabiam escrever bem solicitavam-lhes uma carta bem-escrita (CHARTIER, 2002, p.92).

3.2 A transmissão dos conhecimentos discursivos e linguísticos e a relevância dos tratados normativos

Na minha perspectiva, os manuais epistolográficos inscrevem-se em uma tradição – com um tempo longe da história – dos tratados normativos que são de grande diversidade e que focalizam não só o uso linguístico, como o comportamento social (a chamada literatura da civilidade). Também encontramos na variedade dos tratados normativos tratados como os *tratados de saber viver* ou tratados de estilo, de retórica etc.¹¹

Nos tratados normativos com valor linguístico são conservadas as experiências linguísticas, textuais e/ou discursivas, com uma finalidade pragmática bem circunscrita, como é por exemplo o caso de uma conversação galante (elegante, gentil e polida). Isso implica um enriquecimento dos modelos, exemplos reproduzidos dos bons modelos conservados ou inventados pelo próprio autor do tratado (vide também GROBE, 2009, p.96). Uma propriedade característica de muitos desses tratados normativos é que não se limitam a prescrever, mas oscilam continuamente entre prescrição e descrição. Assim sendo, o discurso normativo¹² apresenta-se de diferentes modos.

No caso dos manuais epistolográficos, a parte normativa explícita revela-se constitutiva para todo manual epistolográfico e que contém todo tipo de regras para a práticas epistolar (vide também BARBOSA, 2011).¹³

11 Vejamos a tipologia dos tratados normativos em Grobe (2009: 15).

12 Descrevi esse discurso normativo detalhadamente na minha segunda tese de doutorado sobre o desenvolvimento dos manuais epistolográficos franceses nos últimos cinco séculos (GROBE, 2009).

13 As prescrições que encontramos nos manuais se estendem também aos elementos que descrevem a materialidade e o envio das

As cartas modelos selecionadas pelos autores dos manuais, geralmente, não estão até o início do século XIX vinculadas a pessoas comuns ou às situações comunicativas prototípicas da epistolaridade popular (BARBOSA, 2011, p.97).¹⁴ Contudo, durante o século XIX, a maioria dos manuais epistolográficos das línguas românicas passam a ser verdadeiros manuais populares, didáticos e «úteis», com a visão de repetir fórmulas, regras e também modelos prontos a ser copiados de várias cartas sobre os mais variados assuntos para um público com pouca familiaridade na escritura epistolar (GROBE, 2009: 301; BARBOSA, 2011, p.81, 95). Os manuais epistolográficos ganharam, assim, um vasto público, sobretudo os recém-alfabetizados, ainda inseguros nas práticas escritas.

Entre os manuais epistolográficos de grande circulação no Brasil encontramos neste século, entre outros, o famoso *O Secretario portuguez*, de Francisco Jozé Freire¹⁵ ou o *Novo secretário Luso-Brasileiro: Arte de escrever com elegância e perfeição toda a espécie de cartas; exemplificada com numerosos modelos* (1865).

4. CARTAS COMO EGO-DOCUMENTOS NA PESQUISA LINGUÍSTICA: PROJETOS E ENFOQUES

4.1. Os trabalhos de Rutten e van der Wal

O grupo de pesquisa situado na universidade de Leiden (Leiden University), nos Países Baixos, e dirigido por Marijke van der Wal focaliza o seu interesse de ego-documentos nas cartas particulares do século dezessete e dezoito, nas chamadas *Letters as Loot*, um *corpus* que contém 40 mil cartas confiscadas na época da guerra entre a Holanda e a Inglaterra (*warfare*) (RUTTEN/VAN DER WAL, 2014, p.1). Gijsbert Rutten e Marijke van der Wal examinam fenômenos de variação fonológica e morfossintática no holandês dialetal e suprarregional na perspectiva dos ego-documentos. Avaliam o contato de línguas e de dialetos nesse território e também no espaço urbano de Amsterdam, numa época em que havia um forte movimento migratório do interior da Holanda para Amsterdam. Apesar de os resultados deles serem muito importantes quanto à mudança da língua, eles analisam também um aspecto pouco examinado até agora na aprendizagem da escrita: o valor real dos tratados normativos, dos manuais epistolográficos, na redação de cartas, conservando uma abordagem sociolinguística nessa parte do estudo.

Nos séculos XVII e XVIII, a aprendizagem da redação das cartas não tinha alcance geral, ainda que houvesse inúmeros manuais epistolográficos (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013: 45)

In sum, is no reason to assume that letter writing was a skill generally

cartas (veja também BARBOSA, 2011: 91).

14 A finalidade dos manuais epistolográficos é descrita por Gastaud (2014: 4): “O sucesso dos manuais está diretamente relacionado ao desejo de ser social e culturalmente apto, de colocar-se em um bom lugar na sociedade escriturística. Na falta de uma aptidão de berço ou de formação, o manual oferece a chance de parecer social e culturalmente adequado.

Esta habilidade, a de enviar uma carta em todos os sentidos adequada, era mais um marcador social que evidenciava a origem de classe do autor, assim como o fazem a fala com acento de origem popular, o tempo de permanência na escola, a prática de determinados esportes e o bronzeado da pele, ou, dependendo da época, a falta dele, entre tantos outros indícios de pertencimento social”.

15 Para a relevância da obra de Freire veja entre outros Simões (2007: 173-176), Miranda (2000) ou Conceição (2011).

acquired by pupils in the Netherlands. (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013, p.46)

Em holandês, nessa época, havia dois tipos de manuais epistolográficos: um tipo mais dirigido a uma elite, outro a todos os que já sabiam escrever e que tinham de escrever cartas (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013, p.46). O primeiro tipo era praticamente irrelevante para a redação de cartas e servia mais para a leitura divertida de bons modelos literários de cartas, porém o segundo deveria ser analisado mais atentamente.

No seu trabalho, Rutten e van der Wal pesquisaram as fórmulas constitutivas para a produção do texto (o que para mim corresponde ao nível menos complexo da tradição discursiva) (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013, p.48). Nessas fórmulas constitutivas para a produção do texto, eles diferenciam “*Text-type formulae*” (fórmulas para saudar, despedir-se etc.) e “*Text-structural formulae*”, para realizar a transição entre dois fragmentos (RUTTEN; VAN DER WAL, 2014, p.82, 86).

Entre as *text-type*-fórmulas podemos situar as fórmulas de tratamento e as fórmulas iniciais e conclusivas de uma carta. Já Elspaß (2005, p.192) mostrou que esse gênero de fórmulas foi mais utilizado por escreventes inexperientes e/ou com problemas na escrita. Assim sendo, elas são necessárias para reduzir o esforço de redação (RUTTEN; VAN DER WAL, 2013, p.53). Mas é essencial atinar-se a outro gênero de fórmulas, as “fórmulas intersubjetivas” (interativas no âmbito da pragmática), que são, por exemplo, perguntas sobre a saúde, cumprimentos especiais e todas as estruturas com as quais o escrevente pode estabelecer e também aprofundar o contato social. Encontram-se também nos manuais fórmulas constitutivas para a produção do texto como a fórmula “*Ik laatu weten als dat/I let you know that*” que era utilizada como fórmula típica para introduzir um novo tópico na carta (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013, p.56). Há, portanto, diversas fórmulas comunicativas, discursivas, a analisar como são expressas, a exemplo do cumprimentar o destinatário, referir-se à carta anterior e terminar a carta.

Mas o que os estudos empíricos de Rutten e van der Wal nesse âmbito buscavam revelar sob uma perspectiva sociolinguística? Sublinham que

- as mulheres usaram manifestamente mais fórmulas nas cartas analisadas do que os homens
- os escritores das camadas sociais mais baixas empregaram mais fórmulas do que os das camadas mais altas
- observou-se também uma tendência a variar as fórmulas, mas esse tipo de variação aumenta com o *status* social e o grau de letramento (as experiências na prática escrita do escritor) (RUTTEN/VAN DER WAL, 2013, p.60-61)

Tais resultados levam às seguintes conclusões que as diferenças entre as fórmulas que se encontram nos manuais epistolográficos e nas cartas “reais” parecem menos proeminentes do que muitas vezes presumidas na literatura científica epistolar. Apesar disso, o conhecimento das formas epistolares ritualizadas pode ser interpretado também como indicador da aquisição da escrita (vide o estudo de

RUTTEN;VAN DER WAL, 2013). Os escritores das camadas baixas com muito pouca experiência na redação das cartas recorrem mais às fórmulas preestabelecidas nos manuais epistolográficos do que os que não veem a redação de uma carta como um esforço particular.

4.2 O Corpus de ego-documentos de *français familier ancien*

O *corpus* de ego-documentos *français familier ancien* dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX constitui um grande *corpus* sociohistórico, recolhido pelo grupo de pesquisa de France Martineau no Canadá. Esse *corpus* contém ego-documentos com 5.000 cartas, centenas de diários pessoais etc. de pessoas pouco letradas.

A definição de ‘pouco-letrado’¹⁶ – que é ambígua – torna possível um enfoque na análise de produções textuais com todas suas características de pessoas com pouca escolaridade, limitadas, na sua maioria, à quarta ou quinta série do ensino fundamental.

O que destaca esse *corpus*, além disso, é que não contém só textos pessoais antigos. Há também amplas informações biográficas dos autores dos textos. No que concerne às cartas, o *corpus* engloba muitas vezes grandes partes da correspondência particular de uma família, e não apenas cartas únicas ou individuais. Nos seus estudos linguísticos France Martineau pontua, essencialmente, a hibridez dos textos recolhidos. Assim, os escritores das cartas misturam uma linguagem corrente usada em situações de intimidade na língua falada com as fórmulas epistolares tipicamente escritas (MARTINEAU, 2013: 134). Essas cartas não se caracterizam só pelo uso relevante da linguagem corrente. São importantes por representarem textos de “imediatez” na língua escrita (MARTINEAU, 2013: 133). Os textos integrados nesse *corpus* escrito dão a impressão do uso da língua escrita, não só dos mais cultos, mas de muitos outros canadenses sob a condição de haverem sido alfabetizados nos últimos séculos.

4.3. O Corpus 14 e o projeto Egoling 14-18

O projeto de *Egoling14-18* é um projeto de pesquisa internacional sob a responsabilidade da universidade francesa Paul Valéry de Montpellier e da universidade de Heidelberg. A universidade de Montpellier, com seu laboratório de pesquisa *PRAXILING*, foi iniciador do projeto e é também responsável pela visualização do *corpus* chamado *corpus 14* no projeto que oferece a documentação de várias cartas em francês, publicadas em *fac-simile* com acesso aos documentos anotados em XML nas versões texto (TXT) original e modernizado. O projeto *Egoling 14-18* aplica a ideia de ‘ego-documentos’ e de ‘escreventes pouco letrados’ à formação de um *corpus* de base empírica de cartas particulares escritas, em francês e em alemão, durante a I Guerra Mundial, por soldados que se correspondiam com as suas famílias. Esses soldados, geralmente de um nível não culto, são caracterizados como recém-alfabetizados. A correspondência tem até agora um foco regional em duas regiões francesas o *Hérault* e a Alsácia (*Alsace*). As duas regiões são do maior interesse porque são

16 Para o conceito de ‘pouco-letrado’ veja o trabalho de Branca-Rosoff e Schneider (2004).

regiões multilingues (francês, occitano, alemão e alsaciano) em que a alfabetização se realizava quer em francês quer em alemão.

Os primeiros resultados das análises linguísticas com a correspondência pessoal desses soldados pouco letrados, durante a I Guerra Mundial, se situam em diferentes níveis:

1. na apropriação da escrita

- os escreventes de cartas revelam dificuldades na segmentação (vide também STEUCKARDT, 2014: 358)¹⁷
- o seu domínio do conhecimento das regras ortográficas e de pontuação é restrito¹⁸

2. na apropriação das convenções epistolares (tradição discursiva)

- as cartas mantêm em geral uma estrutura epistolar
- o uso de fórmulas epistolares é comum, mas revela maior variação do que o esperado¹⁹

3. na apropriação de estrutura sintática (também da pontuação)

- o conceito de ‘oração’ ainda não está plenamente apropriado por parte dos escreventes²⁰

4. a carta como “conversação entre pessoas ausentes”

- no uso das formas de estrutura informativa, por exemplo para focalizar ou topicalizar, se percebem estruturas cujo emprego é comumente ligado mais à língua falada e ao contexto de “imediatez” como por exemplo à dislocalização à esquerda ou *ao ‘mise en relief’* como estratégia de focalização
- como no discurso oral imediato encontramos marcadores discursivos, anacolutos, repetições e também correções em alguns documentos,²¹ cuja frequência não é, porém, muito elevada

5. a pergunta: quem fala na carta?

- encontramos estruturas evidenciais para dar opiniões fora do “Ego/EU” “*dit-on*” = eles dizem, se diz

No que se refere a outras análises no nível do discurso, para reconhecer a escrita individual e íntima em contextos variados, já analisámos a alternância de perspectiva dos soldados em numerosas cartas,

17 Steuckardt (2014, p. 358) descreve muito bem a problemática da segmentação entre precepção silábica, consciência semiótica da palavra e o conhecimento da grafia normada.

18 Vide também os resultados de análise de Mollica (2006, p. 14).

19 Vide também os resultados da análise da forma epistolar de Klippi (2013, p. 116-117).

20 Outra explicação seria também possível: os autores escrevem como se falavam – a doutrina antiga para escrever uma carta: narrar, conversar.

Klippi (2013) discute a ideia de uma relação entre a ausência de pontuação e o conceito de ‘oração’ e conclui: “*The absence of punctuation does not mean that Gaston had no conception of sentence or constituent structure*” (KLIPPI, 2013, p.120).

21 Vide também Steuckardt (2014, p.357).

quando eles falam com a mulher, os filhos, amigos e colegas. Assim, essas cartas descrevem a Guerra e o papel dos soldados, os seus sentimentos e as suas emoções, com recursos linguísticos e estratégias diferentes (vide Steuckardt no prelo a). Nos *Corpus 14* e no projeto *Ego-ling 14-18* também são integradas cartas de mulheres e de crianças. As nossas análises vão revalorizar a escrita feminina e a infantil daquela época, que até hoje é pouco conhecida.

5. EXEMPLOS DE CARTAS BRASILEIRAS

Sem condição de já dar exemplos das cartas brasileiras recuperadas por mim, eu trabalhei com uma correspondência de maior interesse que se encontra *online*.²² Trata-se das cartas de um casal (Jayme O. Saraiva e noiva Maria Riberio da Costa) enviadas entre 1936 e 1937 e coletadas por pesquisadores da UFRJ no *Arquivo Nacional do Rio*. Nessas cartas entre Jayme O. Saraiva, que trabalhava no Rio, e a sua noiva, Maria Riberio da Costa, morando em Petrópolis, observa-se um domínio distinto da norma padrão (vide também <http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/Biografias.htm>). Enquanto as cartas de Jayme correspondem na maioria dos casos a um uso mais regular de norma padrão, as cartas de Maria ao seu noivo, compreendem traços já encontrados nas cartas do *Corpus 14* e de *Egoling 14-18*. Esses traços são relacionados ao processo de apropriação distinta ou incompleta da norma escrita estandardizada como

- as dificuldades na segmentação (*au mentarã; na quele banco; eu fubuscar; ires aumedico; Eu talvez vou menbora; jabotei; a sim como; ganhaste aposta; de pois voce pode rasgar; mandar ou tra- veis pramin*)²³,
- os problemas de pontuação e de ortografia (*ter auguma carta; os meus eros; este retrato esta orivel; quirido noivinho; fizemos mal de deichar; nois*)²⁴ ou
- a generalização de umas regras ortográficas (MOLLICA, 2003, p. 16) como por exemplo a regra da marcação da fricativa alveolar surda /s/ antes das vogais /a, o, u/ com/por <ç> aplicada também às vogais /e, i/ (*voçes; romançe; troçe*)²⁵

Porém, a Maria Ribeiro da Costa dispõe de conhecimentos adequados das necessidades da redação epistolar o que se observa em cima de tudo na manutenção de uma estrutura tipicamente epistolar – data, introdução, desenvolvimento, conclusão, assinatura (introdução: *Meu Queridinho Noivinho Jayminho; Meu Queridinho noivinho Jayme; Meu quirido noivinho*; conclusão: *muitos beijinhos da quela/desta que te ama muito; beijos para voce e da tua noi-vinha trite mil beijo e abraços*). Apesar disso, encontramos também reflexos de uma variação nas “fórmulas intersubjetivas” (*eu recebi a tua carta a do dia 21 no dia 23 atarde quando fui botar a min; ha no coreio; Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude; eu esta semana ja recebi 2 cartas tuas a do dia 21 de*

22 Das 96 cartas amorosas conservadas foram até hoje 42 cartas transcritas. Elas são acessíveis à consulta no *Corpus Compartilhado Diacrônico: cartas pessoais brasileiras*.

23 Abaurre (1991, p. 2013) destaca que o adulto letrado parece “operar com representações dos enunciados que já incorporam todas as juncturas morfológicas” o que não seria o caso para um/o adulto cuja formação é limitada aos quatro ou cinco primeiros anos de escolaridade. No trabalho de Abaurre (1991) encontramos exemplos similares como *daquela*.

24 A pontuação da Maria retoma a representação da fala, como é o caso para *quirido-querido; auguma-alguma* ou *nois-nós* (veja também MOLLICA, 2003, p.16).

25 De maneira regular, no primeiro e no terceiro exemplo, mas não no segundo.

manha e a da noite e ja temandei 3 com está que vai do dia 21 – 22 – e 23 – que e essa; Abraços da minha irman dos meus sobrinhos e Ismenia e da Hilda; a braços da minha irman sobri-nha e Ismenia e beijo da Hilda; Desejo-te que esta te va encontrar em perfeita saude a sim como os teus; a Ismenia manda lembranças para o Dalves).

Um fato que chamava a nossa atenção é a variabilidade e oscilação no decorrer da correspondência amorosa em muitos âmbitos. Assim a pontuação da Maria no primeiro exemplo parece estar muito mais lacunária do que no exemplo 3, isso faz presumir conhecimentos básicos de pontuação da parte da escrevente e ao mesmo tempo uma instabilidade na aplicação de regras numa situação comunicativa de imediatez e altamente emocional.²⁶ Infelizmente, o *corpus* não engloba cartas da Maria a outros destinatários de maneira que possamos ver se esse fenômeno está vinculado a uma revisão possível das cartas depois da sua redação.

Mas a escrevente possui uma grande autoreflexão da escrita normativa porque ela percebe de maneira exemplar as suas “insuficiências” na apropriação completa da escrita ou da redação epistolar concluindo todos três exemplos de cartas com as fórmulas: *não repares a minha carta por que eu sou bobinha; não repares a minha carta e os meus eros rasga* ou *não repares a minha carta nei os meu eros*. Lamentavelmente falta uma documentação biográfica detalhada sobre a escolarização ou sobre uma formação profissional da Maria Ribeiro da Costa, um tipo de documentação que seria normalmente desejável no trabalho com os ego-documentos e que poderia desvelar uma aquisição incompleta da escrita padronizada e das tradições discursivas mais comuns da parte da Maria.

Exemplo 1- Carta 01-MJ-22-09-1936²⁷

Paulo de Frontim , 22 – 9 – 1936

Meu Queridinho Noivinho Jayminho

Saudades

Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu recebi a tua cartinha no dia 22 as 2 horas da tarde eu quando recebi fiquei tam contente mais as saudades au mentarã muito mais eu fiquei lendo na estaç-ao na quele banco onde nois estivemos a sentados eu estava lendo e as lagrimas caião na carta lenbran-do-me do domingo a noite que eu estava junto de voçe e na quela hora estava so com a Ismenia no dia que eu fubuscar a carta fasia um dia lindo para nois dois paciarmos juntinhos como no domingo Jayme voçe dise que era melhor chamar-me de noivinha eu jabotei na carta não repares eu fiquei

[pag]

eu jáli a quele romançe que voçe troçe no domingo e muito bonito mais não proçedas como elle eu vou proçeder como ella para voçe não eu passo o dia inteiro lendo as tuas cartinhas e beijado o teu retratinho . muitos beijinhos da quela

desta que te ama muito

não repares a minha carta por que eu sou bobinha

²⁶ Steuckardt (no prelo b) já sublinha que não se pode falar de uma ausência total da pontuação.

²⁷ Todos os exemplos usados do *Corpus Compartilhado Diacrônico*: cartas pessoais brasileiras sob a direção de Célia Lopes e Sílvia Cavalcante.

[pag]

eu pesso-te para ires aumedico

trite de voçe brigar no escritório eu pesso-te para ficares mais calmo , manda-me dizer por que voçe brigou co-m Snr Mario . Eu talvez vou menbora no dia 4 de Outubro si não for vou só no dia 17 por causa do aniversário da minha irman si eu ficar a te o dia 17 eu queria que voçe vieçe ou traveis a qui por que eu não suporto tanto tempo de saudades tuas podes vir no dia 4 no tren das 8 horas e ires no tern das 4 horas da tarde para não ficares muito cañadinho . Eu tive um sonho com vo-çe e tua mãe mais não foi muito bom foi do dia 21 para o dia 22 . Jayme manda-me dizer se a tua mãe falou au guma cousa com voçe au meu respeito . Abraços da minha irman dos meus sobrinhos e Ismenia e da Hilda beijos para voçe e da tua noi-vinha trite mil beijo e abraços

Maria Ribeiro da Costa rasga a carta

Exemplo 2- Carta 02-MJ-23-09-1936

Paulo de Frontim , 23 – 9 – 1936

Meu Queridinho noivinho Jayme

Saudades

Desejo-te muitas felicidade assim como aos teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu recebi a tua carta a do dia 21 no dia 23 atarde quando fui botar a minha no coreio eu esperava carta tua por que voce dice se tivesse a portunidade que me escrevia de noite eu fiquei muito contente de a receber uma carta no dia 22 e no dia 23 mais com tudo isto não e como nois tarmo juntinho . Eu esta semana tenho estado muito refriada e um pou-quinho de febre e a Hilda tam bem mais isto passa si Deus quizer , eu pra semana mando dizer-te sivou no dia 4 o no dia 17 eu acho que vou no dia 4 mais a minha irman quer que eu- va no dia 17 mais eu não suporto tanto tempo sem tiver . voce dice que ainda na segunda-feira de noite que sentia o beijo que nois demas no Domingo de noite eu não posso me esquecer

[pag]

eu esta semana ja recebi 2 cartas tuas a do dia 21 de manha e a da noite e ja temandei 3 com está que vai do dia 21 – 22 – e 23 – que e essa .

[pag]

um so momento dece beijo foi tam grando o estalo que Ismenia chegou a escutar o estalo ella estava na nosso frente mais não fais mal . as fotografias ainda não estão prontas nois fizemos mal de deichar as chapas com elle por que elle e muito m-ole . Se fores a festa da Primavera manda-me dizer se estava boa eu peso-te para ires , com Antoninho por que elle vai mais não namores muito sim . a braços da minha irman sobri-nha e Ismenia e beijo da Hilda .

E para ti muitos beijo e abraços desta que não

te cansa de ti amar

Maria Ribeiro da Costa

vai no Domingo na minha casa pode ter auguma carta para voce que eu vou escrever no sabado e boto as fotografias mais não a mostre a minha mãe a queles que nois tiramos juntos sim .

não repares a minha carta e os meus eros rasga

Exemplo 3 - Carta 08-MJ-06-10-1936

Paulo de Frontim , 6 - 10 - 1936

Meu quirido noivinho

Muitas saudades

Desejo-te que esta te va encontrar em perfeita saude a sim como os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus , eu recebi a tua carta a do dia 5 no dia 6 de manhã eu já sei que ganhaste aposta eu quando for para o Rio eu pago-te com muitos beijos .

Eu fiquei muito triste de voçe viajar em pé ate Cascadura eu nunca paga-rei o sacrificio que voçe fais por min eu não mereço tudo isto do meu noivinho . Tu me pediste o retrato que te amostrei-te no Domingo este retrato eu dei a minha irman ja a muito tempo eu pedi a ella para eu mandar te para voçe quando o

[pag]

receberes eu peçote para veres e de pois voçe pode rasgar ou mandar ou tra- veis pramin por que este retrato esta orivel , eu estou esperado o teu por que os que eu tenho estão desaparecendo com muitos beijos a sim voçe diçe na carta que me mandaste .

Meu filhinho eu tenho chorado muitos com saudades tuas eu não posso viver mais sem voçe , a minha vi-da é só ler as tuas cartas e ver os teus retratos .

Manda-me dizer se já enxeste a proposta da linha de tiro , manda-me dizer se voçe pode me esperar no dia 19 se não podes , eu vou no dia 20 abraços da minha irman sobrinhos Ismenia e beijos da Hilda para

[pag]

voçe e da tua triste noivinha muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayminho

Maria Ribeiro da Costa

não se esqueça do teu retrato

não repares a minha carta nei os meu eros

a minha irman esta esperãdo voçe no dia 18 com o Antoninho e Dalves a Ismenia manda lembranças para o

Dalves

6. CONCLUSÃO

Como interpretar a variação linguística, estilística etc. em uma correspondência particular que não entra à primeira vista no painel das generalizações as mais amplamente possíveis e no das propriedades compartilhadas com diversos grupos de falantes numa situação comunicativa específica? É necessário valorizar esta especificidade como representação individual e como domínio individual de um acontecimento comunicativo e ao mesmo tempo situar esse tipo de escrita nas realizações linguísticas e discursivas de uma época no desenvolvimento de uma língua ou sociedade.

Assim sendo, a orientação dos trabalhos de ego-documentos pode dar novos impulsos à história da língua e à linguística diacrônica que visa à variação e à mudança, e não se trata de um artefato de metodologia à moda. O caráter interdisciplinar dos estudos de ego-documentos como *Ego-Ling* 14-18 que juntam historiadores e pesquisadores da comunicação a linguistas parece ser um caminho pródigo e inspirador.

REFERÊNCIAS

Abaurre, Maria Bernadete Marques (1991). A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração das hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralin*, 11, p. 203-217.

Auer, Anita; Peersmann, Catharina; Pickl, Simon; Rutten, Gijbert; Vosters, Rik. *Historical sociolinguistics: the field and its future*. *Journal of Historical Sociolinguistics*, 1, p. 1-12.

Baggerman, Ariane; Dekker, Rudolf. (Eds.) (2004). *Egodocumenten: nieuwe wegen en perspectieven*, Amsterdam: Aksant.

Barbosa, Socorro de Fátima Pacífico (2011). Códigos, regras e ornamentos nos secretários, manuais e métodos de escrever cartas: a tradição luso-brasileira. *Veredas* 15, p. 79-106.

Branca-Rosoff, Sonia (1990). Conventions d'écriture dans la correspondance des soldats. *Mots. Les Langages du politique*, 24, p. 21-36.

Branca-Rosoff, Sonia; Schneider, Nathalie (1994). *L'écriture des citoyens. Une analyse linguistique des peu-lettrés pendant la période révolutionnaire*. Paris: Klincksieck.

Carvalho, Maria José (1999). Sociolinguística histórica: estatuto, metodologia e problemas. *Revista Portuguesa de Filologia*, 22, p. 187-204.

Cassan, Michel; Bardet, Jean-Pierre; Ruggiu, François-Joseph (Eds.). *Les écrits du for privé. Objets matériels, objets édités*. Limoges: Presses universitaires de Limoges.

Chartier, Roger (2002). *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP.

Conceição, Adriana Angelita da (2011). *Sentir, escrever e governar; a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º marquês de Lavradio (1768-1779)*. Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo.

Coseriu, Eugenio (1982). *Sprachkompetenz: Grundzüge der Theorie des Sprechens*. Tübingen: Francke.

Dekker, Rudolf (1988). Egodocumenten. Een literatuurverzicht. Tijdschrift voor geschiedenis, 101, p. 161-189.

_____ (2002a). Introduction. In: Dekker, Rudolf (Ed.). *Egodocuments and history: autobiographical writing in its social context since the Middle Ages*. Hilversum: Verloren, p. 7-20.

_____ (2002b). Jacques Presser's Heritage: Egodocuments in the Study of History. *Memoria y Civilización (MyC)*, 5, 13-37.

Elspaß, Stephan (2005). Sprachgeschichte von unten. Untersuchungen zum geschriebenen Alltagsdeutsch im 19. Jahrhundert, Tübingen: Niemeyer.

_____ (2012). The use of private letters and diaries in sociolinguistic investigation. In: Hernández-Campoy, Juan Manuel; Conde-Silvestre, Juan Camilo (Eds.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 156-169.

Fairman, Tony (2000). English Pauper Letters 1830-34, and the English Language. In: Barton, David; Hall, Nigel (Eds.). *Letter Writing as a social practice*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, p. 63-82.

Gastaud, Carla (2014). *Práticas epistolares e cultura escrita*. In: Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural, p. 1-12, <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Carla%20Gastaud.pdf> [10.09.2015]

Greyerz, Karl von (2010). Ego-documents: The last-word? In: *German History*, 28 (3), p. 272- 282.

Große, Sybille (no prela). 'Rück- und Ausblicke' auf die Sprachgeschichte Brasiliens. In: Felbeck, Christine; Klump, André (Eds.). *America Romana*. Frankfurt am Main: Lang.

_____ (2009): *Les manuels épistolographiques français entre traditions et normes: étude historique XVIe - XXIe siècle*. Tese de habilitação. Potsdam.

Kabatek, Johannes (s.d). *Tradições discursivas e mudança lingüística*, www.romling.uni-tuebingen.de/discorso/itaparica.pdf.

Klippi, Carita (2013). Letters from Gaston B. In: van der Wal, Marijke J.; Rutten, Gijsbert (Eds.). *Touching the Past*. Studies in the historical sociolinguistics of ego-documents. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, p. 107-128.

Koch, Peter / Oesterreicher, Wulf (2012 [1990]). *Gesprochene Sprache in der Romania*. Berlin: de

Gruyter.

_____ (2013). Linguagem da imediatez – Linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. *Linha d'Água*, 26 (1), p. 153-174.

Krenn, Martin (2013). 'Ego-Dokumente' – Zur Problematik eines Begriffs. In: Zeugen des Untergangs. Ego-Dokumente zur Geschichte des Ersten Weltkriegs im Österreichischen Staatsarchiv. Viena: Österreichisches Staatsarchiv, p. 20-27.

Lyons, Martyn (2013). *The writing culture of ordinary people in Europe, c. 1860-1920*. Cambridge: University Press.

Mollica, Maria Cecília (2006). *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro.

Martineau, France (2007). Pratiques d'écriture des peu-lettrés en québécois ancien: morphologie verbale. In: Larrivé, Pierre (Ed.) *Variation et stabilité du français: Des notions aux opérations*. Mélanges de linguistique offerts au professeur Jean-Marcel Léard par ses collègues et amis. Louvain / Paris: Peeters, p. 179-195.

Martineau, France (2013): Written documents: What they tell us about linguistic usage. In: van der Wal, Marijke J.; Rutten, Gijsbert (Eds.) *Touching the past: studies in the historical sociolinguistics of ego-documents*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, p. 129-147.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2002). Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: Alkmim, Tânia Maria (Ed.) (2002). *Para a história do português brasileiro III: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, p. 443-464.

_____ (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

Miranda, Tiago C. P. dos Reis (2000). A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: Galvão, Walnice Nogueir; Gotlib, Nádia Battella (Ed.) (2000). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 41-54.

Rumeu, Márcia Christina de Brito (2010). Para uma história no Brasil e do Brasil: Edição de cartas setecentistas, oitocentistas e novecentistas. In: *Caligrama*, 15 (2), p. 133-160.

_____ (2006). *Para uma história do português no Brasil: edição de cartas setecentistas e oitocentistas*. In: Lobo, Tânia; Ribeiro, Ilza; Carneiro, Zenaide; Almeida, Norma (Eds.) *Para a história do português brasileiro*. Volume VI: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, p. 819-844.

Rutten, Gijsbert; van der Wal, Marijke J. (2013): Epistolary formulae and writing experience in Dutch letters from the seventeenth and eighteenth centuries. In: van der Wal, Marijke J.; Rutten, Gijsbert (Eds.). *Touching the past: studies in the historical sociolinguistics of ego-documents*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, p. 45-66.

Rutten, Gijsbert; van der Wal, Marijke J. (2014). *Letters as loot: a sociolinguistic approach to seventeenth and eighteenth century Dutch*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

Rutz, Andreas (2002). Ego-Dokument oder Ich-Konstruktion? Selbstzeugnisse als Quellen zur Erforschung des frühneuzeitlichen Menschen. In: *zeitenblicke* 1 (2002 / 2) [20.12.2002], www.zeitenblicke.historicum.net/2002/02/rutz/index.html. [20.7.2015]

Schulze, Winfried (1996). Ego-Dokumente - Annäherung an den Menschen in der Geschichte? Vorüberlegungen für die Tagung 'Ego-Dokumente'. In: Schulze, Winfried (Ed.). *Ego-Dokumente. Annäherungen an den Menschen in der Geschichte*. Berlin: Akademie (Selbstzeugnisse der Neuzeit. Quellen und Darstellungen zur Sozial- und Erfahrungsgeschichte 2), p. 11-30.

Steuckardt, Agnès (2014). De l'écrit vers la parole. Enquête sur les correspondances peu lettrées de la Grande Guerre. In: 4e Congrès mondial de linguistique française, Berlin. http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2014/05/shsconf_cmlf14_01159.pdf [20.07.2015]

Steuckardt, Agnès (Ed.) (no prelo a). *Entre village et tranchées. L'écriture de Poilus ordinaires*. Uzès: Inclinaison.

Steuckardt, Agnès (no prelo b): Sans point ni virgule. In: Steuckardt, Agnès (Ed.). *Entre village et tranchées. L'écriture de Poilus ordinaires*, Uzès: Inclinaison.

Taurisson-Mouret, Dominique (2006): L'analyse formelle des egodocuments dans un système informatique de production de ressources électroniques. In: *Corpus en lettres et sciences sociales: des documents numériques à l'interprétation*, Colloque international et école d'été, Albi, 10- 14 juillet 2006, organisé dans le cadre des Colloques d'Albi Langages et signification (CALS), Albi, 43-50 (<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00096435/document>, [12.03.2015].

Vandenbussche, Wim (2004). Triglossia and pragmatic variety choice in 19th century Bruges: a case study in historical sociolinguistics". *Journal of Historical Pragmatics*, 5 (1), p. 27-47.

Van der Wal, Marijke J.; Rutten, Gijsbert (Eds.) (2013a). *Touching the past: studies in the historical sociolinguistics of ego-documents*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

Van der Wal, Marijke J.; Rutten, Gijsbert (2013b). Ego-documents in a historical-sociolinguistic

perspective. In: van der Wal, Marijke J.; Rutten, Gijsbert (Eds.). *Touching the past: studies in the historical sociolinguistics of ego-documents*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, p. 1-17.

Von Krusenstjern, Benigna (1994). Was sind Selbstzeugnisse? Begriffskritische und quellenkundliche Überlegungen anhand von Beispielen aus dem 17. Jahrhundert. *Historische Anthropologie II*, 3, p. 462-471.

Wilhelm, Raymund (2001). Diskurstraditionen. In: Haspelmath, Martin; König, Ekkehard; Oesterreicher, Wulf; Raible, Wolfgang (Eds.) (2001). *Language Typology and Language Universals – Sprachtypologie und sprachliche Universalien – La Typologie des langues et les universaux linguistiques*. An international handbook – Ein internationales Handbuch - Manuel international. Berlin / New York: de Gruyter, p. 467-477.

Willemyns, Roland; Vandebussche, Wim (2006). Historical sociolinguistics: coming of age?. *Sociolinguistica. International Yearbook of European Sociolinguistics*, 20, p. 146–165.

MANUAIS EPISTOLOGRÁFICOS BRASILEIROS E PORTUGUESES

Novo secretário Luso-Brasileiro: Arte de escrever com elegância e perfeição toda a espécie de cartas; exemplificada com numerosos modelos (1865), Rio de Janeiro: Laemmert.

Freire, Francisco Jozé (1801): o Secretario portuguez ou methodo de escrever cartas. Lisboa: Typografia Rolandiana.

CORPORA

Corpus do français familier ancien - <http://polyphonies.uottawa.ca/fr/corpus/i-corpus-de-francais-familier-ancien/>

Corpus Compartilhado Diacrônico: cartas pessoais brasileiras - <http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/>

Corpus 14 [En ligne]. Montpellier, Laboratoire PRAXILING (UMR 5267, Université Paul-Valéry Montpellier-CNRS), <http://www.univ-montp3.fr/corp>

Recebido em: 31/08/2015

Aceito em: 05/09/2015